



# O QUE É O FEMININO NA PÓS-MODERNIDADE? FAZ DIFERENÇASERMULHER?

**FERNANDA DA ESCÓSSIA**

fernanda@adufjrj.org.br

O que é ser mulher hoje? É falar de salário e creche, de estupro e escola, de assédio e de cidadania. É dizer sim e não. Mais do que um jogo de novas palavras, a luta feminista se insere no debate sobre direitos, resistência e representatividade. No Dia Internacional da Mulher, a Adufrj lança a campanha “A Luta pela Paz é Feminina”, que remete aos impactos da intervenção na segurança pública no Rio. De Acari a Vigário-Geral, da Maré à Cidade de Deus, são mulheres, principalmente mães, que denunciam arbitrariedades e buscam justiça. Por isso mesmo, precisam ser valorizadas como vozes ativas na construção da paz.

Este boletim discute o feminismo a partir de entrevistas com professoras e alunas da UFRJ, que falam de igualdade e representatividade,

mas também do machismo cotidiano nos bancos universitários. Na UFRJ, mulheres são 47,4% entre docentes e cerca de metade dos alunos e alunas de graduação, mestrado e doutorado. No entanto, entre os 172 pesquisadores da UFRJ listados pelo CNPq como nível 1A, o mais alto, só 25 (14,5%) são mulheres. Maior universidade federal do país, a UFRJ jamais teve uma reitora. Revelado discretamente na progressiva redução da presença feminina no topo da pirâmide científica, o machismo no ambiente acadêmico também sabe ser explícito. Aparece na invisibilidade das mulheres negras, no assédio sexual e no convívio de sala de aula. Em pleno 2018, frases como “Vocês só fazem Engenharia para encontrar marido” não são coisa do passado. **A Adufrj participará da Marcha pelo Dia Internacional de Luta da Mulher, a partir das 16h, na Candelária, Centro do Rio. Participe você também!**

# [IGUALDADE]

ENTREVISTA | LENA LAVINAS, professora titular do Instituto de Economia

ELISA MONTEIRO  
elisamonteiro@adufrrj.org.br

## ■ Qual o cenário profissional das mulheres?

● Nos últimos 40 anos, a diferença salarial entre homens e mulheres diminuiu em função de fatores como a queda na taxa de fecundidade de 6,5 para 1,7 filhos, o aumento da escolaridade feminina e a mudança de conjugalidade. O crescimento de vagas sem identificação, como concursos públicos, por exemplo, contribuiu para ampliar a participação das mulheres. Mas observamos depois uma estagnação nos indicadores de igualdade. E, agora, uma piora relacionada à redução do emprego, flexibilização e precarização. As reformas trabalhistas e da terceirização são reflexo destas mudanças.

## ■ Por que o aumento de escolaridade não se reflete nos salários e nas chefias?

● São questões de poder, não de escolaridade. As mulheres são discriminadas, muitas vezes ridicularizadas, quando em situações de liderança. Sobretudo em espaços de grande competição. A universidade é um exemplo: das 69 federais apenas 19 têm reitoras. As mulheres estão pouco representadas nas carreiras de melhores salários e de ponta hoje como Finanças, Tecnologia e Inovação. Elas estão concentradas em áreas em declínio. São maioria na Engenharia Química, que sofre o impacto da mudança da matriz energética do petróleo, e estão sub-representadas na Engenharia de Produção.

## ■ Qual a importância dos serviços públicos para elas?

● Os serviços públicos afetam duplamente as mulheres, porque representam postos que elas têm chance. E também porque liberam o tempo delas para o trabalho remunerado. O encolhimento das provisões do Estado penaliza mais

as mulheres. Com o teto de gastos, por exemplo, quem prestará os serviços de cuidado que serão suprimidos?

## ■ Por que não equiparar o tempo de contribuição previdenciária entre homens e mulheres?

● Nosso modelo de previdência é redistributivo, do jovem para o idoso e dos homens para mulheres. É correto. As mulheres têm um histórico de intermitência no trabalho em função da dedicação à família. Elas buscam trabalhos que possam compatibilizar o trabalho remunerado com o doméstico e têm mais dificuldade para alcançar trabalhos protegidos. Seis meses de licença-maternidade não são nada. E elas enfrentam barreiras para voltar ao mundo do trabalho, depois que se afastam. Por isso, há a diferença entre dois ou três anos, que se pratica hoje. Por isso também a previdência por capitalização (privada) é sempre pior para elas.



# [REPRESENTATIVIDADE]

ENTREVISTA | GIOVANA XAVIER, professora da Faculdade de Educação

FERNANDA DA ESCÓSSIA  
fernanda@adufrrj.org.br

## ■ Qual desafio da mulher negra hoje?

● Temos um problema real, o fato de a sociedade brasileira invisibilizar e não valorizar nossa importância. Assim, todas as nossas pautas são consequência da invisibilização e da objetificação de que temos sido alvo. Invisibilidade no mundo acadêmico, no mundo do trabalho. O desafio não tem de ser apresentado para a mulher negra, mas para a sociedade: jamais naturalizar essa questão e procurar alternativas.

## ■ Quais seriam essas alternativas?

● Reivindicar ajuda a construir um projeto de democracia no qual tenhamos nossa participação reconhecida. A alternativa principal tem de ser em termos de macropolíticas, de reconhecimento, pelas políticas públicas, dessa

invisibilidade da mulher negra. Na UFRJ, um levantamento recente mostrou que menos de 3% dos professores se declaram negros. Representatividade importa. Temos de achar uma forma de assegurar que conteúdos produzidos por pessoas negras vão ser trabalhados. Temos de selecionar e usar em sala de aula autores e autoras negros. Na verdade, a invisibilidade é uma forma de falar que esse lugar não é para a mulher negra, e é isso que precisamos enfrentar por meio de um programa institucional.

## ■ Dentro da luta feminista, como situa a luta da mulher negra?

● O feminismo não é uma coisa só. Nenhum movimento social é. O que sempre entendemos como feminismo universal é o feminismo branco. A ideia de feminismo não reconhecia as experiências das mulheres negras. Inclusive o feminismo, tal como o conhecemos, esteve associado ao fato de haver um trabalho do-

méstico, exercido por mulheres negras. Mas tem havido uma pressão de diálogo, e uma escuta maior, nos movimentos feministas, do feminismo negro. Estamos discutindo inclusive o lugar que a branquidade ocupa nessa luta. Não queremos um movimento paralelo.

## ■ Que pautas a senhora destacaria na luta feminista negra hoje?

● Destaco a educação pública, com ênfase em condições salariais, planos de carreira para os professores, e também em projetos que apostem na educação pública como um lugar de formação, de fortalecimento de cidadania, de ascensão, de mudança social, para romper com aquela ideia estigmatizada da escola pública como o que sobra. A outra coisa que considero prioridade é o reconhecimento de direito para pessoas e, particularmente, mulheres trans. Acho que é uma pauta ainda muito pouco valorizada no feminismo.



# [SORORIDADE]

ENTREVISTA | IVANA BENTES, diretora da Escola de Comunicação

ELISA MONTEIRO  
elisamonteiro@adufrrj.org.br

## ■ Qual a relação entre as redes sociais e o feminismo?

● As redes sociais permitiram que experiências singulares, relatos pessoais em postagens, ganhassem visibilidade a ponto de viralizar e mover campanhas como “Primeiro Assédio”, “Agora é que são elas”, “Chega de Fiu Fiu”. Em todas elas, a tecnologia foi instrumento para questionar situações até então naturalizadas. A “Chega de Fiu Fiu” mudou a ideia da paquera na rua. No Oscar ou em Cannes, vemos manifestações contra o assédio e por mais representação feminina. Esse é um movimento global. As redes também pressionam por mudanças de posturas de empresas e suas publicidades. A mídia reflete isso, vide a Globo, que acabou sendo vestida. O caso dela trazia dupla carga: a da objetificação da mulher e do legado da escri-

vidão negra. A internet contribuiu ainda para massificar novos conceitos e vocabulários como empoderamento, lugar de fala e sororidade.

## ■ Por que você relativiza a objetificação no clipe “Vai Malandra”, da Anitta?

● A Marcha da Vadias trouxe uma contribuição importante sobre isso. Quando a mulher decide vestir uma roupa que quer, isso não é carta branca para outros acessarem o corpo dela. As meninas do funk chegaram antes nesse debate, afirmando suas roupas sensuais e que gostavam de ser popozudas. Eu brinquei que a bunda de Anitta no clipe era sujeito e não objeto.

## ■ O feminismo hoje é mais diverso?

● Tivemos uma geração feminista mais assertiva importante, que abriu muitas portas. Mas, hoje, vejo um movimento mais fluido. Algumas não vão abrir mão do batom ou salto alto. Outras se recusam a qualquer intromissão

no corpo, depilação e afins. Sobre objetificação, acredito que há um quê moralista, fruto da origem histórica branca do feminismo. Um exemplo de questão mal colocada, a meu ver, é o debate sobre a prostituição. Há feministas que ignoram as demandas dessas mulheres, inclusive trans, por regulamentação.

## ■ Qual é o próximo passo?

● É fundamental mover as estruturas nos ambientes de trabalho, universidades, redações. Enquanto as mulheres não estiverem nos lugares de decisão, a mudança não vai acontecer. Estamos com uma equipe 100% feminina na Escola de Comunicação. Começou de forma inconsciente, mas agora é política. Na ECO, um docente foi suspenso por assédio. Levou dez anos para que um grupo de alunas, no contexto da Primavera Feminista de 2017, formalizasse a denúncia. Não se trata de caça às bruxas, mas não dá mais para deixar passar.



# [MACHISMO]

ISABELLA DE OLIVEIRA  
isabella@adufrrj.org.br

‘M’ulher não serve para fazer Engenharia”. “Deixa eu explicar o que você quis dizer.” “Não quero namorar feminista burra”. “Você é bonita demais, nem precisa estudar”. Essas são frases que mulheres ainda escutam na UFRJ.

De acordo com dados de 2016 do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), mulheres representam 60% dos universitários brasileiros; entre professores, são 53%. Ainda assim, o cotidiano acadêmico é permeado por pequenos e grandes machismos.

Letícia Ramos vive num dos ambientes da UFRJ mais dominados por homens, a Engenharia. “O primeiro impacto é, em sala, ver muito mais homens que mulheres. Em determinadas disciplinas só tive professores

homens”, afirmou. A jovem critica a forma como é tratada pelos colegas. “Somos desmerecidas. Já ouvi que só fazia Engenharia para arrumar marido”, conta.

Jacqueline Leta, professora do Instituto de Bioquímica, pesquisa sobre a mulher na academia e diz que é prioridade repensar o lugar feminino na produção científica. “Temos que pensar quem é a cientista. A gente não se contenta mais com a ideia de o homem ser o agente da ciência”, diz. Jacqueline destaca a relação da maternidade com a profissão. “No meu caso, não foi determinante, mas a opção pela carreira influenciou a decisão de não ter filhos”, diz.

Professora da Faculdade de Direito, Vanessa Berner tem uma trajetória permeada pelas diferenças de gênero. “No direito, a palavra do homem ainda vale mais. Sou a primeira professora de universidade federal em Direito

Constitucional.” Para Vanessa, a dificuldade institucional sobre questões de gênero é grande: “Quando você denuncia algo como machismo, é entendido como uma questão pessoal”.

Maria Clara Blanco, estudante de Arquitetura e Urbanismo, cita duas situações nas quais as diferenças são explícitas. “A primeira é quando as pessoas acham que existe ‘curso de mulher’. Eu cursava Artes e todo mundo dizia que era por eu ser ‘delicada’”, conta. “A segunda é o assédio. Nas festas e calouradas, é recorrente os homens chegarem de forma incisiva”, afirma.

De acordo com a Pró-reitoria de Graduação da UFRJ, entre 2010 e 2016, os cursos nos quais mais ingressaram homens foram bacharelado em Ciência da Computação, Engenharia Mecânica e Ciências Econômicas. Em contrapartida, Enfermagem, Pedagogia e Serviço social têm as maiores proporções de mulheres.

# ALUTA PELA PAZÉ FEMININA AdUFRJ



EDIÇÃO  
ESPECIAL  
DO BOLETIM  
DA ADUFRJ

**INVERTER A  
INTERVENÇÃO**

**com educação e esperança**

#InverteraIntervencao

